

Histórias, Lugares e Geografias Vividas: uma geográfica leitura das narrativas ubaldianas


Stories, Places and Geographies Lived: a geographical reading of ubaldian narratives

Historias, Lugares y Geografía Vividas: una geográfica lectura de las narrativas ubaldianas

Ronaldo Santos Costa Junior¹

 <https://orcid.org/0009-0008-0282-0148>

Jussara Fraga Portugal²

 <https://orcid.org/0000-0001-6727-4928>

RESUMO: O escopo deste trabalho é a análise, sob a égide humanista, das modalidades de concepção, vivência e narração dos espaços urbanos de Itaparica por João Ubaldo Ribeiro. Propomos desvelar os modos de existir narrados por Ubaldo, a partir dos lugares vividos como cenários das narrativas, entrelaçadas com escrituras que delineiam formas de ser e estar no mundo e suas possibilidades existenciais. A investigação, apoiada na dimensão teórica do “lugar”, se debruça sobre quatro crônicas, interpretadas à luz dos preceitos da Geografia Humanista. As narrativas selecionadas oferecem uma imersão nas experiências do escritor em sua terra natal, procurando elucidar o “espaço do lugar” ao abordar temáticas que abarcam as dimensões dos lugares e das experiências vividas. As crônicas, ricas em geograficidade, demarcam temporalidades específicas e representam as geografias vivenciadas por Ubaldo, realçando a experiência geográfica e a geografia pessoal. Assim, as narrativas literárias não apenas desvelam os lugares percorridos por Ubaldo, com amigos e familiares, mas também evidenciam maneiras sensíveis de ser-no-mundo. Portanto, este estudo reafirma a potencialidade da literatura enquanto instrumento para os estudos geográficos, especialmente nas dimensões que contemplam as formas de ser e estar no mundo, revelando o lugar como circunstancialidade e lócus das experiências cotidianas.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia Humanista; narrativas literárias; identidade e espaço; espaço e lugar; João Ubaldo Ribeiro.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais na Universidade do Estado da Bahia (PROET/UNEB). E-mail: costaronaldo@outlook.com.br.

² Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XI) na área de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais. Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB). E-mail: jportugal@uneb.br.

ABSTRACT: *The aim of this work is to analyze, from a humanist perspective, the ways in which João Ubaldo Ribeiro conceives, experiences and narrates the urban spaces of Itaparica. We propose to unveil the ways of existing narrated by Ubaldo, based on the places lived as narrative scenarios, intertwined with writings that outline ways of being in the world and their existential possibilities. The investigation, based on the theoretical dimension of 'place', looks at four chronicles, interpreted in the light of the precepts of Humanist Geography. The selected narratives offer an immersion in the writer's experiences in his homeland, seeking to elucidate the 'space of place' by addressing themes that encompass the dimensions of places and lived experiences. The chronicles, rich in geography, demarcate specific temporalities and represent the geographies experienced by Ubaldo, highlighting geographical experience and personal geography. In this way, the literary narratives not only reveal the places Ubaldo visited with friends and family, but also show sensitive ways of being-in-the-world. Therefore, this study reaffirms the potential of literature as an instrument for geographical studies, especially in the dimensions that contemplate ways of being in the world, revealing place as circumstantiality and the locus of everyday experiences.*

KEYWORDS: *Humanist Geography; literary narratives; identity and space; space and place; João Ubaldo Ribeiro.*

RESUMEN: *El objetivo de este trabajo es analizar, desde una perspectiva humanista, las formas en que João Ubaldo Ribeiro concibe, experimenta y narra los espacios urbanos de Itaparica. Nos proponemos desvelar los modos de existir narrados por Ubaldo, a partir de los lugares vividos como escenarios de las narraciones, entrelazados con escritos que esbozan modos de estar en el mundo y sus posibilidades existenciales. La investigación, basada en la dimensión teórica del "lugar", examina cuatro crónicas, interpretadas a la luz de los preceptos de la Geografía Humanista. Las narraciones seleccionadas ofrecen una inmersión en las experiencias del escritor en su tierra natal, tratando de dilucidar el "espacio del lugar" al abordar temas que abarcan las dimensiones de los lugares y las experiencias vividas. Las crónicas, ricas en geografía, demarcan temporalidades específicas y representan las geografías experimentadas por Ubaldo, haciendo hincapié en la experiencia geográfica y la geografía personal. Así, las narraciones literarias no sólo revelan los lugares recorridos por Ubaldo, con amigos y familiares, sino que también muestran formas sensibles de estar-en-el-mundo. Por lo tanto, este estudio reafirma el potencial de la literatura como instrumento para los estudios geográficos, especialmente en las dimensiones que contemplan las formas de estar en el mundo, revelando el lugar como circunstancialidad y locus de las experiencias cotidianas.*

PALABRAS CLAVE: *Geografía Humanista; narrativas literárias; identidad y espacio; espacio y lugar; João Ubaldo Ribeiro.*

PERCURSOS DE UMA ESCRITA: ENREDOS INICIAIS

Devido à busca de novos sentidos e formas para a compreensão da realidade, vê-se na literatura a possibilidade de um olhar sobre as relações experienciais. Esta perspectiva coloca em cena diversos estilos literários que englobam múltiplas narrativas, retratando lugares, períodos e situações, oferecendo, assim, uma ótica interpretativa alternativa a essas dimensões. Dessa forma, a literatura torna-se um objeto significativo de investigação em temáticas ligadas às relações humanas. Como apontam Olanda e Almeida (2008), os

geógrafos percebem na literatura um artefato que contém elementos essenciais para a exploração da experiência humana.

No intuito de demarcar as contribuições da relação entre a Geografia e a Literatura para o enriquecimento e a ampliação das interpretações das relações constituídas nos lugares, especialmente aquelas retratadas nas crônicas de Ubaldo, questiona-se: de que forma João Ubaldo Ribeiro entrecruza histórias e geografias vividas em suas crônicas ao retratar os lugares da cidade de Itaparica, na Bahia?

Ubaldo possuía o “dom” de contar histórias sobre as pessoas e seus lugares, sobretudo, em Itaparica, ancorado na perspectiva autoficção (Gonçalves, 2020), a estratégia adotada pelo escritor na escrita de suas crônicas é um combinado – experiência cotidiana (realidade) – observação (extração) – invenção (ficção).

O escritor segue desse modo na construção das crônicas, o que seria, segundo Portugal (2020, p. 41), “[...] a arte de contar histórias sobre o vivido, sobre o cotidiano, sobre as experiências com os lugares e com as pessoas”, pois os lugares de Ubaldo anunciam sua ligação com a terra, exprimem as sensações a partir de seu contato, conscientizam o ser sobre o lugar narrado ao conceber o “[...] lugar como espaço de vivência e espaços de circunstancial socioespaciais”. (Azevedo; Silva, 2015, p. 40).

O presente texto, ora apresentado ao leitor, é um recorte da pesquisa de mestrado, intitulada “A ensolarada Itaparica: lugares e experiências nas crônicas de João Ubaldo Ribeiro” (COSTA JÚNIOR, 2024), realizada pelo primeiro autor, sob a orientação da segunda autora, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet), Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Este estudo tem como objetivo compreender as narrativas do/no e sobre os lugares de Itaparica, bem como as experiências retratadas nas crônicas de João Ubaldo Ribeiro. A pesquisa baseou-se na análise de nove crônicas ambientadas em Itaparica, Bahia. As narrativas selecionadas descrevem os lugares, as relações, as experiências e as interações das personagens com os espaços urbanos da cidade, constituindo os cenários das histórias narradas. As análises e interpretações dessas narrativas seguiram os princípios teórico-metodológicos da pesquisa (auto)biográfica, em interface com a abordagem da Geografia Humanista, inspirada no método fenomenológico.

Neste texto buscamos analisar, sob uma perspectiva humanista, como o escritor concebe, vivencia e narra os lugares da cidade de Itaparica em suas narrativas literárias, com o intuito de compreender o conceito de lugar como pressuposto teórico para explorar as singularidades retratadas pelo cronista. Para a elaboração deste texto, foram contempladas quatro crônicas específicas: “Leite de porca é bom e faz crescer”, “O escritor da cidade”, “Preservando as espécies” e “Os comedores de baiacu”.

A estrutura deste texto é dividida em quatro seções: a primeira seção oferece uma introdução breve, com o objetivo de contextualizar a pesquisa; a segunda seção explora como Ubaldo concebe suas crônicas, usando os lugares da cidade de Itaparica como inspiração e fundamentando-se na perspectiva da autoficção, além de apresentar a vida e a obra do escritor. A terceira seção aborda as discussões sobre a interface entre Literatura e Geografia, enfatizando a abordagem do conceito de lugar e explorando as singularidades e aproximações possíveis entre estas áreas.

Na quarta e última seção, a discussão se concentra na análise dos fragmentos das crônicas selecionadas. Essa análise destaca a geograficidade e a geografia pessoal de Ubaldo, além da compreensão do lugar como uma circunstancialidade. Estes aspectos contribuem para uma leitura geográfica das narrativas ubaldianas, revelando as peculiaridades e singularidades dos lugares, por meio da descrição do autor. Por fim, o texto apresenta considerações finais baseadas nas reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa. Estas considerações partem do pressuposto de que as crônicas de Ubaldo são “escrituras de mundo”, ilustrando as geografias vividas em uma pequena cidade da Bahia.

LITERATURA, GEOGRAFIA E LUGAR: DIÁLOGOS, CONTRIBUIÇÕES E POTENCIALIDADES

Ao ter nas mãos escrituras que retratam modos de vida repletos de sentidos, imaginação e geograficidade, os geógrafos humanistas e fenomenológicos debruçam-se em narrativas que articulam a condição humana, escritos que permitem experienciar e perscrutar a dinâmica espaço-tempo da relação homem-terra.

Para Marandola Junior e Oliveira (2009), o processo de renovação da Geografia, influenciada pelo movimento humanista, propôs a inclinação da ciência para as temáticas da condição humana, mais especificamente, da experiência em relação à interface entre o vivido e o experienciado.

Sobre a interface Geografia e Literatura, Portugal (2020, p. 34) afirma que se trata de uma proposta que “[...] deve ser vista também como uma oportunidade de se analisar um texto ou uma obra para além da teoria literária, utilizando-se de informações contextualizadas e atrelando-as aos conceitos geográficos”, assim o diálogo entre a Literatura e a Geografia implica a constituição de uma forma criativa de descrever, analisar e compreender os cotidianos dos lugares e os modos de vida que emergem das histórias narradas, com base nas convergências interativas da Geografia e Literatura e nas maneiras outras de apreensão da realidade, considerando, sobretudo, a linguagem que revela a geograficidade das elaborações literárias, que se apresenta como significante para apreender cotidianos,

experiências, lugares, territorialidades e existência, ou seja, o ser-no-mundo. Tais convergências conduzem, nesse sentido, para a compreensão das práticas espaciais dos seres, das que emergem das narrativas dos geógrafos e dos romancistas e que dão novas possibilidades de existência, como manifestações de maneiras de ser-e-estar-no-mundo e novas concepções aos estudos geográficos a partir de sua imbricação.

A reflexão sobre os lugares e as maneiras como os escritores descrevem suas observações e vivências nos leva à consideração da apropriação dos elementos que emergem de seus “lugares mágicos”, que servem como fontes inspiradoras para os enredos de suas histórias. Este é o caso de João Ubaldo Ribeiro, que, ao retratar sua cidade natal, Itaparica, em suas crônicas, utiliza o espaço urbano como um recurso literário rico. Sua obra, “Viva o povo brasileiro” (1984), é um exemplo notável dessa prática, onde a cidade e seus locais, juntamente com a dinâmica cotidiana de seus habitantes, são habilmente tecidos na trama, fornecendo um cenário vívido para a ambientação das narrativas. A cidade, segundo Meireles e Portugal (2012, p. 26), é concebida como:

[...] o lugar escolhido pelos literatos, por excelência, para ambientar suas histórias; uma maneira de immortalizar o amor por sua terra natal, ou, simplesmente, uma forma de registro sobre a cidade escolhida para viver e produzir a vida, [...], manifestações expressas por diversos escritores: Carlos Drummond de Andrade – Itabira/MG; Charles Dickens – Londres; Cora Coralina – Cidade de Goiás/GO; Eça de Queiroz – Lisboa; Fiódor Dostoiévski – São Petersburgo; Honoré de Balzac – Paris; Mário Quintana e Luís Fernando Veríssimo – Porto Alegre/RS; Vinícius de Moraes – Rio de Janeiro/RJ; Manuel Bandeira – Recife/ PE; João Cabral de Melo Neto – Recife e Sevilha, dentre outros [...].

Em sua obra, Ubaldo apresenta inúmeros locais da cidade de Itaparica em suas crônicas, locais estes que ressoam vivamente para o cronista. Esses espaços, imbuídos de significado e elevados ao status de “lugar”, reiteram a noção de geografias pessoais e vividas nas crônicas de Ubaldo. Eles refletem uma experiência singular que liga o escritor à cidade de Itaparica, constituindo sua maneira única de se situar no mundo.

A literatura serve como uma linguagem da realidade, capturando imagens da dinâmica cotidiana dos indivíduos e impulsionando os acontecimentos que moldam os enredos das histórias. Estas, por sua vez, ressoam e refletem profundamente as formas de ser e estar no mundo. Como Olanda e Almeida (2008, p. 26) destacam, “[...] o texto literário tem uma face representativa, repleto de conteúdo, o que o torna uma fonte valiosa para a investigação geográfica por parte do geógrafo cultural”.

Desse modo, referenciando, nesse momento, os lugares ambientados pelas personagens, são lugares específicos que compõem elementos da existência do escritor, exprimem pertencimento e sua visão de mundo. Nesse sentido, são reveladas maneiras de

ser-e-estar-no-mundo, potencializando as experiências das pessoas e a do escritor, e a construção de laços de cumplicidade com o lugar. Na composição do texto, além de sua visão sobre as circunstâncias dos lugares, o escritor aciona memórias que retratam geograficidade, as lembranças que mobilizam sensações temporais, já que “[...] o tempo é vivido como memória, e por isso memória e identidade adensam o lugar” (Marandola Junior, 2014, p. 229). Isso reflete nos lugares literários, visto que estão em consonância com a realidade vivida.

Revelar experiências íntimas nos lugares significativos é uma prática difícil. Não podemos dizer que impossível, pois os escritores apresentam seus “lugares mágicos” e o mundo circundante aos leitores, possibilitando geográficas experiências no ato de ler.

Mediante essa consideração, os lugares literários “[...] são construídos em função da vida e da experiência com o ambiente, a criação de um universo subjetivo dotado de significado é essencial na constituição do cenário que ambienta as personagens”. (Jesus; Léda, 2020, p. 285). Os fios narrativos ambientam circunstancialidades dos lugares e, conseqüentemente, os lugares espacializados pelos escritores, ou sua visão por meio da situação vivenciada ou experienciada, que comportam formas de existir singular, individual e coletivamente.

O diálogo em torno do conceito de lugar, valorizando as lembranças que sinalizam e revelam geograficidade, reverencia as experiências cotidianas e retrata “[...] o lugar experienciado como aconchego que levamos dentro de nós” (Oliveira, 2014, p. 15).

Assim, ao adentrar na perspectiva do lugar enquanto circunstancialidade, “[...] referindo-se à própria forma de ser-e-estar-no-mundo, lugar é inalienável e, portanto, permanece como fundante da nossa experiência contemporânea, independente das transformações sociais” (Marandola Junior, 2014, p. 230). Ainda, sobre esta questão, o autor sinaliza que pensar o lugar e estabelecer reflexões a partir das situações que são constituídas no desenrolar da cotidianidade dos seres permite evidenciar formas de ser-e-estar-no-mundo, mais do que isso, é o caminho que possibilita compreender maneiras de existir na contemporaneidade, o que possivelmente permite conceber uma das formas mais estimulantes de apreender modos de vida e refletir sobre as experiências geográficas no lugar, a partir do entendimento da condição das circunstancialidades, pois:

[...] é uma abertura para compreendê-lo enquanto eventualidade relativa: uma posição e uma situação que enfatiza o sentido relacional do ser-e-estar-no-mundo, ao mesmo tempo que dá o devido peso à realidade fenomênica do ser-aí e sua espacialidade (Marandola Junior, 2014, p. 230).

Marandola Junior (2014) desenvolve um ensaio que reflete sobre o conceito de lugar, com um foco especial nos aspectos circunstanciais do ser-no-mundo e nas situações cotidianas e mundanas. Este enfoque fornece uma base sólida para investigar e compreender

o lugar através do envolvimento do ser com o mundo. As experiências vividas demonstram como o lugar pode revelar diferentes modos de existência e maneiras de nos inserirmos em nossos cotidianos, bem como a forma como as pessoas se apropriam desses lugares para se revelarem ao mundo. Neste contexto, Marandola Junior (2014, p. 230) observa que “O lugar enquanto circunstancialidade, portanto, é a busca por um entendimento fenomenológico da experiência contemporânea [...]”, princípio este que guia os geógrafos humanistas em sua aproximação às narrativas que desvendam lugares, descrevem paisagens e retratam situações cotidianas.

Nesta perspectiva, com base nos trabalhos de Marandola Junior (2014), Relph (2014) e Oliveira (2014), que destacam o lugar como o cosmo das experiências e relações cotidianas e onde o ser pratica a existência, e também nos estudos de Portugal (2020), Marandola Junior e Oliveira (2009), e Olanda e Almeida (2008), que ressaltam as contribuições das narrativas literárias para os estudos geográficos, utilizamos as crônicas de Ubaldo como fonte de investigação. O objetivo é apreender as experiências sensíveis nos lugares do escritor itaparicano, que transcendem a geografia pessoal e a cidade, revelando as maneiras de ser e estar no mundo e, assim, emergindo geografias vividas.

Por outro lado, essa dimensão proximal e de afetividade que se exala das crônicas de Ubaldo com os lugares, naturalmente exposta, aponta sua conexão com diversos lugares, porém os específicos possuem notoriedade nas suas narrativas, transcenderam da vida em Itaparica. Sobre esta questão Miranda (2012, s/p) aponta que:

Às vezes a geografia pessoal é uma escolha, às vezes, uma imposição. Ter uma geografia pessoal, seja uma aldeiazinha, um vinhedo, um bairro de periferia urbana, é como dar forma ao nosso mundo, e uma maneira de não perder o passado. Ela não é o lugar onde alguém nasceu, nem o lugar onde alguém mora. Ela é o lugar que alguém ama. Aquele que mais ficou marcado em nossas vidas. E todos a temos, mesmo que ainda não revelada.

Assim, Itaparica, para João Ubaldo Ribeiro, simboliza o advento de sua existência, evidenciando o forte vínculo que une o escritor à terra, às pessoas, aos lugares e aos seus cotidianos. As experiências de vida em Itaparica, entrelaçadas com a imaginação do escritor, proporcionaram a ele o substrato para criar histórias que retratam a vida cotidiana dessa pequena cidade baiana, conferindo-lhes uma sensibilidade e uma profundidade que transcendem os modos comuns de apropriação dos espaços de vida. As memórias dessas experiências, decorrentes das circunstâncias do dia a dia e imortalizadas nas linhas de suas obras, simbolizam a existência, os símbolos, os sentidos, as identidades e as alteridades, marcadas pela temporalidade e evidenciando a geograficidade enquanto vivência na terra, conforme apontado por Dias (2020). Nesse contexto, o sujeito que narra sua experiência no mundo se anuncia a ele mesmo e promove sua autorreflexão. Este sujeito-narrador é o próprio

João Ubaldo Ribeiro, cidadão itaparicano, que, ao compartilhar suas vivências e experiências múltiplas em Itaparica, nos presenteia com textos que transversalizam os sentidos e capturam a essência do cotidiano da cidade e de suas personagens. Na próxima seção, apresentaremos uma breve biografia do escritor, destacando suas principais obras.

JOÃO UBALDO RIBEIRO – O ESCRITOR: NARRATIVAS SOBRE OS LUGARES DA CIDADE DE ITAPARICA

A circunstância do “sempre” retornar, de Ubaldo à sua terra, dá ao escritor o reencontro com aquilo que é realmente afetivo e simbólico, pois o escritor percorria e estabelecia conexão com e em outros lugares, um deles é o Leblon – bairro da capital fluminense, onde viveu até sua morte, porém o seu repouso tem um nome – Itaparica – onde nasceu e retornava todo mês de janeiro, para viver o verão da Bahia. Considerando que o ser se anuncia ao mundo mediante o seu lugar, elementos presentes nos espaços vividos – conversar, caminhar e sentir – contribuem para essa conexão, pois “As dimensões significativas do lugar, que na realidade é o sentido que se atribui a este ou àquele (o meu, o seu ou nosso lugar), são pensadas em termos geográficos a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações” (Oliveira, 2014, p.15)

João Ubaldo Ribeiro, compreendendo seu lugar de origem na perspectiva dardeliana como o advento de sua existência e sua base, se anunciou ao mundo. Apresentamo-lo aqui, partindo de suas raízes.

Nascido na luminosa cidade de Itaparica, situada na Ilha de Itaparica e banhada pela Baía de Todos os Santos, no estado da Bahia, João Ubaldo Ribeiro emergiu como um filho ilustre dessa terra. Ele veio ao mundo no dia 23 de janeiro de 1941, na casa de seus avós, e se destacou como cronista, jornalista, redator e, mais notavelmente, como escritor e membro imortal da Academia Brasileira de Letras. Sua vida culminou no dia 18 de julho de 2014, no bairro do Leblon, no Rio de Janeiro, onde residia desde a década de 1970, vítima de embolia pulmonar. Sua jornada, embora concluída fisicamente, deixou um legado inestimável através de suas obras e contribuições literárias.

Ubaldo foi pai de quatro filhos. Bacharel em Direito (1959-1962) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), pós-graduado em Administração Pública pela mesma universidade e mestre (*Master of Science*) em Administração Pública e Ciência Política pela Universidade da Califórnia do Sul, atuou como professor na Escola de Administração e da Faculdade de Filosofia da UFBA e na Escola de Administração da Universidade Católica de Salvador. Como jornalista, foi repórter, redator, chefe de reportagem e colunista do “Jornal da Bahia”; colunista,

editorialista e editor-chefe do Jornal “Tribuna da Bahia”, ambos periódicos situados na capital baiana (ABL, 2023).

Na sua trajetória literária, escreveu diversos livros, dentre os quais destacam-se: “Sargento Getúlio” (1971); “Viva o povo brasileiro” (1984); “O sorriso do lagarto” (1989) e “A casa dos budas ditosos” (1999a). João Ubaldo Ribeiro publicou livros de contos, crônicas, infante-juvenis, foi cronista dos jornais “O Globo” e “O Estado de S. Paulo”, e sétimo ocupante da Cadeira nº 34, na Academia Brasileira de Letras, eleito em 7 de outubro de 1993, na sucessão de Carlos Castello Branco e recebido em 8 de junho de 1994, pelo acadêmico Eduardo Portella.

No conjunto de sua obra, a crônica tem presença notória, publicou diversos livros de crônicas que versam sobre os lugares e seus cotidianos, os elementos que compõem a vida cotidiana, dos mais relevantes até o mais polêmico. Nos seus textos abordava os fenômenos sociais, culturais, identitários e políticos do Brasil e de sua Ilha. Entre os livros de crônicas que Ubaldo escreveu destacam-se: “Sempre aos domingos” (1988); “[Um brasileiro em Berlim](#)” (1995); “Arte e ciência de roubar galinha” (1999b); “O Conselheiro Come” (2000); “Você me mata, mãe gentil” (2004); “A gente se acostuma a tudo” (2006) e “O rei da noite” (2009).

Sobre esse estilo literário, e o modo como constrói seus escritos, Gonçalves (2020) sinaliza que as crônicas de João Ubaldo Ribeiro comportam uma autoficção, pois são identificados elementos de sua trajetória de vida, muitas das suas personagens não são anônimas, possuem nome e identidade, os lugares onde são ambientadas as histórias narradas foram experienciados pelo escritor, casos e situações foram reinventados, mediante a sua imaginação, sarcasmo e ironia. Essas características singulares de suas crônicas estão ancoradas na perspectiva da autoficção, o que seria para Gonçalves (2020, p. 30), a capacidade do escritor que:

[...] cria e recria histórias e personagens que se alimentam da realidade e a crítica discute a elaboração desses personagens imaginários, que não são inteiramente imaginários, já que o próprio escritor lhes dá uma escrita, uma vida. Esse escritor também não faz o que os personagens fazem; algumas vezes ele realiza o texto a partir do desejo por aquela ou outra realidade, [...] buscando analisá-la sob uma nova perspectiva capaz de gerar novas experiências e novas identificações acerca do sujeito por trás desta escrita, valorizando a compreensão e a fragmentação desse escritor/autor/narrador.

É relevante destacar que os indícios de realidade nas histórias narradas por João Ubaldo Ribeiro não buscam encapsular os modos ou maneiras de ser e estar das pessoas em sua totalidade. Ao invés disso, o que o escritor faz é interpretar as circunstâncias que ocorrem nos espaços vividos. O cronista seleciona aquilo que considera significativo para abordar e reinventar em suas narrativas, conferindo-lhes um caráter autoficcional.

As narrativas de Ubaldo sobre Itaparica e seus cotidianos traduzem a vida nesse lugar e evidenciam a presença do cronista como autor/personagem/narrador das histórias que compõem as suas escritas. Considerando essa singularidade, emergem duas questões: o que a autoficção de Ubaldo revela? Como os lugares vivenciados e experienciados por ele em Itaparica são representados em suas crônicas?" Para Gonçalves (2020, p. 30), "[...] a autoficção é a possibilidade de uma nova concepção de sujeito, que se difere, sobretudo, da autobiografia. Sua teoria não é baseada única ou exclusivamente na realidade, mas permite que uma nova realidade seja criada a partir da vida do autor".

Desse modo, a possibilidade de referenciar a observação de determinadas situações com/no/sobre o lugar permite que o escritor narre a vida, as vivências com e de seus amigos, suas experiências reinventadas e relacionadas a outras tantas histórias que emergem de seu imaginário e do hábito de observar as paisagens e as pessoas, que convergem com o vivido e o ficcional, tendo o lugar enquanto circunstancialidade.

Então, pensarmos o lugar pelo viés da circunstancialidade, e, especificamente, o lugar, nas crônicas de Ubaldo, é ponderar e refletir, segundo Marandola Junior (2014), o mundo contemporâneo e circundante, valorizando as experiências vividas, resistindo às transformações empregadas direta ou indiretamente nos lugares, assim pensá-lo na vertente da circunstancialidade é compreendê-lo enquanto casualidade, dinâmico e fluido.

Em sintonia com a circunstancialidade e a característica autoficcional das crônicas ubaldianas, os leitores têm a oportunidade de sentir a repercussão e a ressonância dos lugares percorridos por Ubaldo e suas personagens. Até o presente momento, algumas pessoas continuam a explorar e frequentar os lugares mais vividamente retratados em seus textos, como a Praça da Quitanda, o Jardim do Forte e o Bar de Espanha. Esses lugares, onde as vidas cotidianas se desenrolam, carregam consigo territorialidade, identidade e alteridade.

As crônicas de Ubaldo são entrelaçadas por acontecimentos e símbolos, que dão ao texto sensibilidade e significado, pois o escritor se apropria do lugar como lócus das relações cotidianas. "Desse modo, percebemos que a produção literária é um forte elo com o espaço e com o tempo, bem como as vivências que se submetem a essa condição da realidade" (Gonçalves, 2020, p. 35) e, nessa perspectiva, a crônica é construída e idealizada pelo escritor a partir dos elementos expostos de forma objetiva ou subjetiva, evidenciando a geograficidade como experiências cotidianas que emergem de fatos/acontecimentos da dinâmica espacial.

Portanto, os lugares são citados e ambientados nas crônicas, como por exemplo, o Largo da Quitanda, o mercado e o Jardim do Forte, em Itaparica (BA), entre outros, a partir da afetividade, significado e a noção de pertencimento. Nesse sentido, "A cidade, o bairro, a casa, a igreja, o campo de futebol, a escola, ganham status de lugar ao passo que lhes são

atribuídos significados [...]” (Jesus; Léda, 2020, p. 280). As narrativas comportam descrições e destacam as dimensões significativas dos lugares, entrelaçados às situações e vivências experienciadas, ou seja, “[...] a matéria-prima da crônica é o cotidiano construído pelo cronista mediante a uma seleção que o leva a registrar aspectos mais relevantes e significativos de determinados eventos” (Gonçalves, 2020, p. 69), os quais compõem os enredos das suas escritas.

A BOA ARTE DE NARRAR OS LUGARES DE ITAPARICA-BAHIA: HISTÓRIAS DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

A intencionalidade desta seção centra-se na análise das narrativas literárias de Ubaldo, as quais contemplam geografias vividas por meio das situações experienciadas nos cotidianos dos lugares de Itaparica/Bahia. Tendo como aporte teórico os estudos de Oliveira (2014), Dardel (2015) e Tuan (2011; 2018), buscamos apreender os modos como o Ubaldo concebe a cidade de Itaparica como cenários das histórias narradas, considerando as formas de ser e de estar no mundo e as suas possibilidades existenciais. Com isso, torna-se necessário apresentar o sentido de lugar defendido por Oliveira (2014, p.11), ancorado na concepção adotada por Yi-Fu Tuan (1983), ao sinalizar que “[...] conhecemos o nosso lugar; cada um tem seu lugar. Assim sendo, onde vivemos, nossa residência, nosso bairro inteiro, se tornam um lugar para nós”.

Nesse contexto, o lugar é apresentado como pressuposto para compreender a geograficidade que emerge nas/das crônicas ubaldianas. Nas suas escritas, João Ubaldo Ribeiro descreve os cotidianos dos lugares da ensolarada Itaparica, sua terra natal, como realidade-espço (o vivido), nas quais apresentam as relações entre as personagens e os acontecimentos marcados pela ironia, e os significados retratados a partir das experiências, as quais contribuem na constituição e apresentação dos lugares. O gênero literário (crônicas) possui características que englobam, em suas descrições, temas relacionados aos acontecimentos cotidianos, situações experienciadas e histórias narradas nos lugares que compõem o mosaico das suas narrativas.

Os lugares da cidade de Itaparica – o Bar de Espanha, o Largo da Quitanda, o Mercado Municipal e o Jardim do Forte – são cenários que compõem os enredos das suas narrativas, as quais comportam descrições e destacam as vivências, experiências e acontecimentos protagonizados pelos moradores daquele lugar.

João Ubaldo Ribeiro, nas suas crônicas, narra experiências dotadas de significados, concebidas na ligação que o ser constrói com/e no mundo, cujos elementos narrativos retratam uma geograficidade. Ao anunciar-se ao mundo, a partir de seu lugar, o sujeito toma

consciência que a Terra é o alicerce da existência. Sobre esta questão, Dardel (2015, p. 40-41) aponta que:

[...] em nossa relação primordial com o mundo, tal como se manifesta nesse gesto banal, ao nos abandonarmos assim ‘às virtudes protetoras do lugar’, firmamos nosso pacto secreto com a terra, expressamos, por meio de nossa própria conduta que nossa subjetividade de sujeito se encolha sobre a terra firme, se assente, ou melhor, ‘repouse’. É desse ‘lugar’, base de nossa existência [...].

O lugar encarna as múltiplas formas de existir e as maneiras sensíveis que as pessoas se conectam com os lugares, nesse sentido as crônicas elegidas para compor a tessitura desta seção comportam narrativas que relevam os modos/formas que os Itaparicanos e Ubaldo relacionam-se intimamente com a cidade e os seus lugares, constituindo experiências a partir dos seus modos de ser e viver.

O diálogo, a conversa releva geograficidade, Dias (2020) aponta que o ato de conversar implica em anunciar-se, e desvela sentimentos e anseios. Essa tarefa demarca temporalidade e evoca memórias das experiências que deixaram marcas. Por esse fato, a conversação a seguir paira sobre casos, exterioriza práticas que evidenciam as diversas formas que os itaparicanos se relacionam com as pessoas e com o lugar, cuja situação foi mencionada na narrativa a seguir, que compõe a crônica “Leite de porca é bom e faz crescer”:

Mas o dever fala mais alto e, arriscando-me, como Pasteur, ao descrédito por amor à ciência, não posso deixar de trazer a público o caso do leite de porca, apenas mudando os nomes envolvidos, para proteger inocentes (na realidade, não tão inocentes assim, porque andaram invadindo chiqueiros para molestar porcas alheias, cujos proprietários talvez ainda clamem por vingança até hoje, pois não se entra num chiqueiro dos outros assim sem mais nem menos). O caso do leite de porca é mais um fecundo exemplo do uso do método analógico em biologia e nutrição. Explico o que quero dizer. Sabem o ovo de codorna, reputado aqui e além-mar como restaurador da alegria de viver dos velhotes que sentem falta da gandaia antiga? Pois é, Sete Ratos me assegurou que descobriram as maravilhosas propriedades do ovo de codorna meramente apreciando o codorno.

– O codorno é um bicho tão desgraçado explicou ele – que, se não botarem umas duas dúzias de codornas à disposição dele, ele mata de cansaço as presentes. Se for uma só ou duas, então, não duram nem dois dias, as bichinhas chegam a ficar estrebuchadas, bicho desgraçado! Aí o homem, na sua inteligência, resolveu tomar a essência do codorno, que é justamente o ovo da codorna. Aquilo já salvou muito casamento, meu compadre! Pois então, pois o método analógico foi também empregado com sucesso aqui na ilha, graças ao corajoso pioneirismo de Gunga, Ferreira e Rosivaldo. Por que é que o porco é tão forte, tão gordo e robusto? Elementar: por causa do leite da porca, que deve ser dos mais fortes de toda a natureza. E tem mais: o porco vive naquela porcaria toda e não pega doença, todo mundo sabe disso. É o leite da porca.

[...] ao Mercado, de viagem do Baiacu (distrito aqui na ilha onde a porcalidade impera), contando Gunga, Ferreira e Rosivaldo fizeram o possível para provar

sua tese durante vários dias, semanas até. Acompanhei o caso atentamente e cheguei a presenciar a tentativa de ordenha de Miroca, uma porção vermelha do Alto de Santo Antônio mais ou menos do tamanho de um Volkswagen. Em verdade lhes digo: só quem já tentou ordenhar uma porca é que conhece as dificuldades da vida. Não só a porca não colabora absolutamente, como os bacorinhos parecem ter um senso de propriedade muito desenvolvido e não gostam de que bulam na comida deles. Nesse dia de Miroca, ela chegou a mais ou menos sentar na cara de Ferreira e, se Gunga não tem grande experiência em matéria de futucar porcos para eles se levantarem, receio que haveria mais um mártir da ciência, uma vida ceifada pelo progresso da humanidade (Ribeiro, 2011, p. 52-54).

Nesta acepção que converge com o sentido de lugar, a partir das sensíveis experiências que o sujeito estabelece com/no lugar, Tuan (2011, p. 14) aponta que:

O sentido de lugar é adquirido após um período de tempo. Quanto tempo? Podemos dizer, geralmente, que quanto mais tempo permanecermos em uma localidade melhor a conheceremos e mais profundamente significativa se tornará para nós, ainda que essa seja apenas uma verdade grosseira.

A conversa de Ubaldo e as personagens que compõem o enredo da crônica “Leite de porca é bom e faz crescer” reforça a concepção que a narrativa literária revela geografias pessoais. O diálogo estabelecido a partir da questão do leite da porca se faz ou não crescer, move a construção de causos entre o escritor e seus amigos, nos quais compreende-se que as simples conversas comportam, significativamente, sensíveis experiências das pessoas com seus lugares.

O recorte do fragmento extraído da crônica “Leite de porca é bom e faz crescer” que compõe o livro “De Itaparica ao Leblon” (Ribeiro, 2011), destacado a seguir, exalta a maneira como o escritor articula a narrativa, contemplando detalhes que permitem que o leitor construa imagetivamente aquela situação narrada e, possivelmente, ao se apropriar do enredo, tornar-se personagem da história narrada. Para Todorov (2009), a conexão do leitor com a narrativa é a forma que a escritura adquire a essência da existência, do afeto e ganha sentido, pois esse mundo que a narrativa partilha com leitor proporciona as interações com outras formas de existir no mundo, outras experiências com os lugares, independente que esse mundo descrito tenha ou não ligação com a realidade concreta do leitor. O mundo narrativo adentra o mundo do leitor e amplia seu repertório a respeito dos fenômenos retratados, em uma perspectiva experiencial. Vejamos:

A falta de estímulo e compreensão terminou por fazer os três desistirem. Mas Ferreira, de todos o mais disposto, não chegou a desistir completamente e, um belo dia, chegou ao triunfalmente Mercado, de viagem do Baiacu (distrito

aqui na ilha onde a porcalidade impera), contando que tinha tomado leite de porca, sentia-se fortíssimo, outro homem mesmo.

— Como é que você conseguiu tirar o leite da porca? — perguntou Gunga.

— Ah, eu não tirei. Eu aproveitei que compadre Julião do Outeiro Grande cria uma porquinha malhada de estimação no quintal, mansinha mesmo, e aí eu fui lá abaixadinho, fui chegando, fui chegando, no meio daquela lama e dos bacorinhos, e mamei na porca. Ah, vocês nem queiram saber, ferrei fixe na teta da bicha, grudei ali e só saí quando já tinha mamado bem uns dois copos. Dois copos não digo, mas digo umas duas xícaras (Ribeiro, 2011, p. 53).

Sobre a situação narrada, o escritor apresenta alguns lugares da Ilha de Itaparica, que não pertencem ao município de Itaparica, porém ele se reporta a esses lugares para contextualizar e construir a sua narrativa. Quando Ubaldo menciona o retorno de Ferreira à cidade, e o encontra no mercado, informa que ele estava em Baiacu – uma vila de pescadores –, uma comunidade pertencente ao município de Vera Cruz, situado na Ilha de Itaparica, na borda leste da Ilha, que divide a mesma ao norte com o município homônimo à ilha, no lado oposto da Baía de Todos os Santos, da capital baiana, Salvador. Seu distrito-sede chama-se Mar Grande e está situado na proximidade do litoral da ilha. Também denuncia que a “porcaria impera” ao fazer referência, indiretamente, à falta de saneamento básico e assistência à comunidade. Pode-se dizer que a origem da poluição presente na comunidade pode estar relacionada ao descarte inadequado do lixo doméstico a céu aberto, nas imediações das estradas e no entorno do lugar. Assim, a crônica aponta outras dimensões e outros lugares, além da cidade de Itaparica.

Essas singularidades – sentidos, identidade e símbolos – são tecidas mediante as conexões dos indivíduos entre si e a terra. Por sua vez, na crônica “Os comedores de baiacu”, determinado grupo social da cidade de Itaparica, a saber, os pescadores – amigos de Ubaldo – contam causos que implicam em saberes sobre o modo correto de “tratar” o peixe venenoso. As situações experienciadas estão presentes no excerto a seguir:

E passou, com habilidade um tanto assustadora, a eviscerar, esfolar e desossar os baiacus, jogando ‘filé’ atrás de ‘filé’ para dentro do coifo. Alguns dos filés, inclusive, continuavam se batendo, não fibrilando como carne de cágado, mas se agitando mesmo, quase como peixes vivos. Não creio que isto possa vir a tornar-se uma atração turística, nunca vi coisa mais esquisita. E meu dever, embora Cuiúba saiba mais de peixes do que quarenta delegados regionais da Sudepe, era fazer uma advertência. Nós, biólogos, temos obrigações sociais.

— Cuiúba, você está maluco? Você vai comer isso? Isso é um Lagocephalus laevigatus! O famoso peixe venenoso, isso mata em poucas horas!

— Já tinha ouvido gente chamar isso de peixe-sapo, mas esse nome que você falou nunca ouvi falar — disse Cuiúba, jogando outro filé na cesta.

— Um anfíbio anuro? — disse eu. — Não seja ridículo, isso é um Lagocephalus.

— Isto — disse Cuiúba, metendo a faca na barriga de mais um peixe — é um baiacu. É o melhor peixe do mar e eu vou comer tudo de moqueca.

— Mas você não sabe que baiacu é venenoso?
— É pra quem não sabe tratar. O veneno está aqui — mostrou ele, cutucando uma bolinha entre as vísceras. — Tirando isso, fica logo o melhor peixe do mar.
— Mas você não sabe que de vez em quando morre um depois de comer baiacu, às vezes famílias inteiras, e de gente acostumada a comer baiacu?
— É, eu sei. Agora mesmo, semana passada, morreram quatro de vez, no Alto de Santo Antônio, só sobrou um quinto, que ainda está passando mal no hospital. Eles comiam sempre baiacu, a velha fazia um escaldado com quiabo ótimo, eu mesmo comi lá várias vezes.
— E então? E ela não sabia dessa bolinha aí, não estava acostumada a tratar baiacu?
— Estava, estava. Mas ninguém está livre de uma distração, é ou não é? Uma distração assim ... — e, ploft, outro filé no cesto.
— Cuiúba, deixe de ser doido, você pode morrer se comer esse negócio.— Morro nada.
[...]
— Eu sei, Cuiúba me contou. E eu que vinha aqui justamente para lhe pedir que tirasse da cabeça dele a ideia de comer uns filés de baiacu que a gente pescou.
— Ele esfolou o peixe? Tirou a pele? Tirou justamente o que dá gosto na moqueca? Tirou de frouxidão, foi isso, tirou de frouxidão! Hem, Cuiúba, você tirou a pele porque acha que o veneno está na pele, hem? Deixe de ser frouxo, rapaz, isso tudo é conversa, o veneno nunca esteve na pele, se fosse assim eu já era defunto.
— Eu sei — falou Cuiúba. — Eu tirei porque gosto de filé de peixe, mas eu sei que o veneno está naquela bolinha da barriga.
— Que bolinha da barriga, rapaz, tem nada de bolinha de barriga, isso tudo é conversa, tem nada de bolinha na barriga. Isso aí a pessoa tira porque ninguém vai comer tripa de peixe, só francês ou senão americano. O negócio é na hora do cozimento, aí tem de cozinhar direito!
— E você vai mesmo comer essa baiacuzada, Sete Ratos?
— Ora, é o melhor peixe do mar! Saí por ali, conversei com Turrico, que, além de garçom, é bom pescador. Ele também é muito chegado a uma moquequinha de baiacu.
— Mas não é veneno, Turrico?
— É, semana passada mesmo, no Alto... Mas só é veneno nos meses que não têm r, no mês que tem r pode comer sossegado.
— Mas Sete Ratos me disse que era no cozimento. E Cuiúba...
— Isso é tudo conversa, tudo conversa. Eu não deixei de comer baiacu nem depois que morreu uma parenta minha — uma não, duas, que eram velhas vitalinas e moravam juntas. Elas estavam acostumadas, faziam baiacu muito bem. Mas nesse dia...
— E então?
— É porque foi em julho. Julho não tem r. Ou tem?
Está certo, pensei eu sem entender nada, enquanto me dirigia à casa de meu amigo Zé de Honorina, para pegar um feijãozinho atendendo a amável e generoso convite (Ribeiro, 2011, p. 24-27).

Ao narrar um episódio acerca da singularidade de uma espécie aquática, o escritor João Ubaldo Ribeiro relata histórias que comportam narrativas sobre os “causos” referentes ao peixe baiacu, desde a sua pesca até o preparo da moqueca. Contudo, as narrativas presentes na crônica estão ancoradas nas experiências dos nativos e, sobretudo, de um grupo de pescadores que, segundo o cronista, são “autoridades” sobre o tema/matéria.

Nesse fragmento da crônica, o escritor narra a sua procura por pessoas que poderiam orientá-lo no preparo do peixe. Para tanto, encontra-se com Sete Ratos e Cuiuba

(personagens) no Mercado Municipal. O diálogo entre o escritor e as personagens versa sobre o modo adequado para “tratar” o baiacu, iguaria que exige cuidados, uma vez que pode causar a morte. Todo o enredo dessa crônica encontra-se ancorado nas narrativas das experiências dos itaparicanos sobre o modo de limpar e de cozinhar o peixe. O enredo desse diálogo entre o cronista e as personagens que mobiliza a composição da história narrada, coloca em evidência saberes e conhecimentos “[...] trocados em determinados lugares, mostrando a interação da geografia com a cultura, com a história desses lugares, as relações criadas nesses espaços de vivências [...]” (Azevedo; Silva, 2015, p. 45).

Já no excerto da crônica “O escritor da cidade” a seguir, Ubaldo apresenta o Bar de Espanha, onde conversas, histórias e sentidos fluem e atribuem assim o *status* de lugar. Lá os nativos inventam causos e relacionam-se atribuindo significado ao lugar, a partir do modo como os sujeitos estabelecem maneiras de ser e estar.

E lá vamos nós durante algumas horas e termino não sabendo direito o que foi que finado Lalinho fez. Mas aplaudo a história, observo os lances mais emocionantes, elogio a habilidade da narração, prometo escrever tudo na primeira oportunidade. Ele sai satisfeíssimo, vai para o bar de Espanha anunciar e comemorar a parceria, embora eu duvide que alguém lá queira ouvir a história. O pessoal do bar de Espanha não presta atenção a nada, só quando é discurso. Tudo isso, como disse, faz parte das naturais obrigações do escritor da cidade (Ribeiro, 2011, p. 17).

O fragmento demonstra que os nativos e os frequentadores do bar se interessam majoritariamente em discursos, é nesse lugar que acontecem as situações que têm repercussão em toda ilha, ou onde os acontecimentos/fatos são comentados pelos nativos. Isso que é construído no lugar, o significativo, e transcende pertencimento, é mediante as possibilidades de existir que implicam experiências no/do/sobre as pessoas com seu lugar.

A partir da eventualidade do lugar (o bar), no qual evidencia os significados, sentimentos e transformações, podemos compreendê-lo também enquanto circunstancialidade, já que a crônica é impregnada de situações cotidianas concebidas nos diversos lugares. Marandola Junior (2014, p.228-229) aponta que:

[...] o lugar faz parte de nosso cotidiano e como é a partir dele que nos inserimos no mundo. É pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo [...], mas é também o lugar do encontro, onde construímos nossa identidade, como um bar específico onde um grupo se reúne, manifestando no corpo sua coletividade, que se fortalece a partir de lugares onde podem relacionar-se sem se explicar. É um bar, uma igreja, uma praça, um viaduto, uma sala ajardinada.

Nessa perspectiva, o trecho a seguir, extraído da crônica “Preservando as espécies” (2011) contempla o que é discutido por Marandola Junior (2014), o envolvimento do homem com o lugar, o lugar que transcende lembranças, e que reverbera as experiências, no sentido da existência no mundo, que nos leva a compreender o mundo circundante.

Em Itaparica, não existe muita preocupação com esse negócio de privacidade, visto que, desde o tempo em que a luz era desligada pela prefeitura às dez horas da noite, o sabido saía com a moça, se esgueirando entre os escurinhos do Jardim do Forte e, no dia seguinte, na quitanda de Bambano, o fato já tinha alcançado ampla repercussão, com fatura de pormenores. O mesmo acontecia em todas as outras áreas e diz o povo que, quando meu tio-avô Zé Paulo, tido como mais rico que dezoito marajás, soltava um pum, sozinho numa sala de seu casarão, os puxa-sacos já ficavam de plantão no Largo da Quitanda e, no instante em que ele passava, se manifestavam efusivamente.

— Bom dia, coronel, bufou cheiroso outra vez!

— Muito bem bufado, coronel, quem está preso quer estar solto! Quanto a câmeras de vigilância e segurança, correntemente na moda, receio que a situação é semelhante. Manolo quis botar uma no Bar de Espanha, mas desistiu depois que soube que todo mundo estava planejando pedir para fazer um teste com a Globo. Além disso, não há muita motivação para a instalação de câmeras, porquanto o que assaltar sempre foi meio escasso e Romero Contador, que não erra nem conta de raiz quadrada, já mostrou na ponta do lápis que, se alguém roubar o nosso PIB, vai passar o resto da vida altamente endividado, pois a verdade, por mais duro que seja reconhecer, é que nossa economia não interessa nem a deputado estadual e mal sobra o que furtar para os corruptos locais (Ribeiro, 2011, s/p).

Logo, levando em consideração as palavras de Relph (2014) e Marandola Junior (2014), percebe-se que a construção do lugar é íntima do autor, a partir das relações que estabelece, como ir ao Bar de Espanha e conversar com os amigos, que constituem formas de relacionar-se com o lugar.

Os enredos das histórias narradas comportam descrições sobre os lugares e as personagens da narração, cujos temas transversalizam os modos de existir, sob o olhar atento do escritor. Aborda uma dimensão da experiência fundamenta por Tuan (1983) construída nos lugares, com base nos sentimentos e sensações, apontando geografias vividas nos espaços, nos quais se tem referência – na cozinha, nas ruas, nas praças e no bar –. Assim, Tuan (2018, p. 5-6), defende que o lugar:

É conhecido não apenas através dos olhos e da mente, mas também através dos modos de experiência mais passivos e diretos, os quais resistem à objetificação. Conhecer o lugar plenamente significa tanto entendê-lo de um modo abstrato quanto conhecê-lo como uma pessoa conhece outra. Num nível altamente teórico, os lugares são pontos no sistema espacial. Num extremo oposto, são sentimentos altamente viscerais.

O lugar, construído a partir de múltiplas dimensões, sentidos e intencionalidades, é destacado na concepção apresentada por Relph (2014, p. 29), que enfatiza a inter-relação

com a prática da experiência. Relph afirma que "[...] o ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha sempre que se estender para além deles para compreender o que significa existir no mundo". Essa perspectiva é reforçada por Marandola Junior (2014), que sustenta uma concepção de lugar embasada nos geógrafos humanistas. Estes consideram a categoria "lugar" sob uma ótica relacional, visceral e experiencial, constituindo o que se pode chamar de Geografia vivida. Tal abordagem induz à reflexão e à (re)consideração sobre a existência do ser no mundo. Nesse contexto, compreende-se que os escritos de Ubaldo contemplam sua geografia pessoal e geografias vividas, contribuindo para uma leitura de mundo sob um viés experiencial e existencial.

Desse modo, o bar, por sua localização estratégica, ao lado da Praça da Quitanda, no centro da bucólica Itaparica, a ilha em frente a capital baiana, neste lugar todos os itaparicanos costumam "bater ponto". Pois nele é onde Ubaldo reencontrava os amigos, contava seus casos, conversava quando vinha do Rio de Janeiro, no mês de janeiro, passar suas férias na ensolarada Itaparica, na casa que pertencia ao seu avô.

No Mercado e no Bar de Espanha perambulavam Zé Neco, Sete Ratos, Cuiúba, onde os sabores, as maneiras e os modos de ser e estar se entrecruzam. São as trocas de saberes sobre os preparos das iguarias da ilha que permitem anunciar a essência do lugar; essas trocas dão o sentido ao mercado e a praça, e são concebidos como lugares de onde emergem sentimentos, sons, cheiros, histórias e a experiência humana.

A partir do modo como as personagens e Ubaldo se apropriam do mercado e do bar, estes adquirem *status* de lugar, mediante o significado que o escritor e os nativos dão a eles, lá é onde conflui a experiência, as conversas e pode-se ver a múltiplas possibilidades de existir.

ESCRITOS FINAIS: DESENLACES

As crônicas analisadas narram a relação afetiva, simbólica e existencial de Ubaldo com a ensolarada Itaparica. Os deslocamentos pelos/e os lugares da cidade de Itaparica contribuíram para a construção dos enredos das suas histórias, e permitiram que o escritor grafasse geografias vividas nesta pequena cidade da Bahia, cercada pela Baía de Todos os Santos.

As escrituras das crônicas permitem experienciar o narrado e o vivido pelo escritor em sua cidade natal, faz sentir sensações, emoções e a entrega do ser para compreender o que é o espaço do lugar. O lugar ubaldiano aflora significados, sentidos, pertencimento e distintas territorialidades, implica um espaço marcado pela afetividade e amor à terra.

As relações cotidianas que são estabelecidas nos lugares da cidade de Itaparica são descritas demonstrando a relação visceral que as pessoas têm com esses lugares. Essa interação simboliza modos de vida, e, nesse contexto, os acontecimentos que compõem a cotidianidade das pessoas revelam-se como matéria-prima para compor as crônicas literárias marcadas pelos sentidos atribuídos pelo escritor às experiências vividas. Em suas narrativas, João Ubaldo Ribeiro destaca os elementos primordiais que são concebidos no lugar, compreendido como cosmo das experiências cotidianas.

Sob a perspectiva da Geografia Humanista, com inspiração da fenomenologia, este estudo possibilitou tecer reflexões sobre o vivido e narrado por Ubaldo. Fundamentada nos princípios teórico-metodológicos que valorizam a experiência geográfica, a existência e a geograficidade, foi possível a partir da dimensão – lugar – se debruçar sobre os espaços da vida de Ubaldo na cidade de Itaparica, e compreender que o ser anuncia-se ao mundo, mediante o seu lugar (Relph, 2014).

Consideramos, portanto, as crônicas como fonte de pesquisa, demarcam temporalidade, geograficidade e histórias de vida, um artefato que comporta elementos dos cotidianos, apresenta a visão de mundo do escritor sobre os fatos narrados e a interpretação das experiências vividas. Esse gênero literário tem sua repercussão nos estudos geográficos e, assim, é pertinente afirmar as potencialidades da interface Geografia e Literatura na apreensão de concepções geográficas de lugar.

REFERÊNCIAS

ABL – ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **João Ubaldo Ribeiro**: perfil acadêmico. Rio de Janeiro: ABL, [2023]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-ubaldo-ribeiro>. Acesso em: 12 out. 2023.

AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta; SILVA, Maria Auxiliadora Gomes. O espaço geográfico através da literatura: um estudo dos contos de Guimarães Rosa. **Revista Científica da FASETE**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 9, p. 38-52, 2015. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2015/9/o_espaco_geografico_atraves_da_literatura.pdf. Acesso em: 7 nov. 2023.

COSTA JÚNIOR, Ronaldo Santos. **A ensolarada Itaparica**: lugares e experiências nas crônicas de João Ubaldo Ribeiro. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Territoriais) – Departamento de Ciências Exatas e da Terra, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2024.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. A geograficidade por meio da narrativa e memórias de múltiplos tempos e lugares. *In*: PORTUGAL, Jussara Fraga (org.). **Geografias literárias**: escritos, diálogos e narrativas. Salvador: Edufba, 2020. p. 125-144.

GONÇALVES, Débora da Silva Chaves. **“Deixem que eu fale por mim”**: autoficção na crônica de João Ubaldo Ribeiro. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

JESUS, Janicleide Brandão de; LÉDA, Renato Leone Miranda. Paisagem, lugar e literatura: entre o cacau e os diamantes. *In*: PORTUGAL, Jussara Fraga (org.). **Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas**. Salvador: Edufba, 2020. p. 273-296.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. *In*: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (org.). **Qual o espaço do lugar?**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 227-248.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; OLIVEIRA, Livia. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/download/4795/3949>. Acesso em: 20 nov. 2023.

MEIRELES, Mariana Martins de; PORTUGAL, Jussara Fraga. Entre textos, imagens e canções: a “cidade da Bahia” e suas geografias. *In*: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (org.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de geografia**. Curitiba: CRV, 2012. p. 19-40.

MIRANDA, Ana. A geografia pessoal. **O Povo**, Fortaleza, 5 maio 2012. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwriiNpm6GhIkNsR2jTz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEE dnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1701402854/RO=10/RU=https%3a%2f%2fwww20.opovo.com.br%2fapp%2fcolunas%2fanamiranda%2f2012%2f05%2f05%2fnoticiasanamiranda%2c2832923%2fa-geografia-pessoal.shtml/RK=2/RS=nHKStfMVXUDb5mSFQvc7nnuCjYA. Acesso em: 25 nov. 2023.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2008v23n46p7>. Acesso em: 25 out. 2023.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. *In*: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (org.). **Qual o espaço do lugar?**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 3-16.

PORTUGAL, Jussara Fraga. As pequenas memórias dos lugares e seu cotidiano: geografia, literatura e autobiografia. *In*: PORTUGAL, Jussara Fraga (org.). **Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas**. Salvador: Edufba, 2020. p. 23-57.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. *In*: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (org.). **Qual o espaço do lugar?**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.

RIBEIRO, João Ubaldo. **A casa dos budas ditosos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999a.

RIBEIRO, João Ubaldo. **A gente se acostuma a tudo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Arte e ciência de roubar galinha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999b.

RIBEIRO, João Ubaldo. **De Itaparica ao Leblon**. Rio de Janeiro: Singular, 2011.

RIBEIRO, João Ubaldo. **O conselheiro come**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIBEIRO, João Ubaldo. **O rei da noite**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

RIBEIRO, João Ubaldo. **O sorriso do lagarto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

RIBEIRO, João Ubaldo. Preservando as espécies. **Estadão**, São Paulo, 26 maio 2013. Disponível em:

https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrihsTn7Whl6WYSCj_z6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzME dnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1701404263/RO=10/RU=https%3a%2f%2fwww.estadao.com.br

om.br%2fcultura%2fjoao-ubaldo-ribeiro%2fpreservando-as-especies-imp-%2f/RK=2/RS=0Ccmmcx275Aoo_dQppuVm2bcl4c-. Acesso em: 20 out. 2023.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Sempre aos domingos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Um brasileiro em Berlim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Você me mata, mãe gentil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 4-15, nov. 2011. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12804>. Acesso em: 12 out. 2023.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, Niterói, v. 8, n. 1, p. 4-15, out. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150#:~:text=Em%20seu%20texto%2C%20publicado%20em,regi%C3%A3o%20e%20a%20na%C3%A7%C3%A3o%2Destado>.

Acesso em: 13 jan. 2022.

Recebido: fevereiro de 2024.

Aceito: abril de 2024.